

# Ave Maria

REVISTA SEMANAL CATHOLICA E ILLUSTRADA  
SÃO PAULO, 4 DE MARÇO DE 1916



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : RUA JAGUARIBE, 73  
Caixa, 615 — Telephone, 1304 — S. PAULO

ORGAM NO BRASIL DA ARCHICONFRARIA  
DO I. CORAÇÃO DE MARIA. REDIGIDA PE-  
LOS MISSIONARIOS FILHOS DO MESMO  
IMMACULADO CORAÇÃO



ASSIGNATURAS :  
ANNO. . . . . 5\$000  
PERPETUA. . . . . 80\$000  
PAGAMENTO ADEANTADO

ANNO XIX

NUMERO 10

## CARNAVAL



A' contempleste alguma vez, caro leitor, o espectáculo que offerece a natureza n'algumas grandes rochas, nas quaes as aguas e outros phenomenos naturaes abriam grandes fendas e nas que se acham como labradas por mão sobrenatural diversas aberturas? Observa e repara como dentro d'aquellas covas repou-

sam tranquillias e socegadas, descansando sobre os seus amorosos ninhos uma grande quantidade de pombas, livres das garras do terrivel milhafre.

No emtanto lá fóra no meio dos prados revoam alegres e buliçosos uma outra multidão de passaros e aves, volitando de cá para lá, em continuo chilrear, bem descuidosos de que a sua roda vóa tambem o fero gavião que com astucia e rapidez incrivel se lança sobre elles, pegando e matando ora um, ora outro dos incautos passarinhos, continuando os outros na sua louca alegria.

Bella alegoria do que acontece nestes dias das perigosas diversões do carnaval.

Felizmente ha muitas e muitas almas piedosas, que desejando servir a

Deus, afastam-se destas mundanidades e ouvindo a voz do celeste Esposo, semelhantes aquellas innocentes avesinhas recolhem-se ás aberturas da pedra *in foraminibus petrae*, acudindo presurosas ao templo para desaggravar Jesus Sacramentado e consolar a Maria S.S. pelos hediondos peccados commetidos por innumerados christãos remidos por Jesus Christo.

No proprio tempo durante estes tres dias do diabolico carnaval, multidão de outros catholicos, imitando as outras aves saltadoras e irrequietas, agitam-se sem cessar nas pradarias mundanaes, sem se lembrarem de Deus, nem da sua consciencia, nem de outra vida, nem dos gaviões diabolicos, saltando por tudo, até pelo pudor e vergonha natural, convidam-se entre ruidosas gargalhadas ao prazer, dizendo com os impios: «vinde, coroemo-nos de rosas, saciemos até nos fartar os appetites todos de nossos sentidos e não haja flor que não deflore a nossa mocidade».

Infelizes! não reparam que o milhafre infernal Satanaz os prende nas suas ferozes garras para devoral-os, quem sabe si nestes mesmos dias? ás profundezas infernaes.

Bem seria que tanta multidão de catholicos crentes, que durante o anno vão á missa, e até confessam e comungam, tanta moça, tão recatada fóra

deste tempo, se prostrassem ante um Crucifixo e escutassem as vozes que Elle lhes dá. Oh! christão, tu a re-crear-te nos deleites da vida e eu aqui supportando tormentos indiziveis por teu amor.

Tu dando prazer aos teus olhos, saboreando com elles objectos nem sempre honestos.

Tu deleitando os ouvidos com harmoniosas musicas e torpes cantos.

Tu alimentando-te de viandas delicadas e bebidas gratissimas ao paladar.

Tu mergulhando os teus pés, as tuas mãos e todo teu corpo no lamaçal de immundas paixões e eu vertendo copiosas lagrimas, ouvindo blasphemias e injurias, agonizando de sede e desalterando-a com fel e vinagre e meu corpo ferido, lacerado e morto entre tormentos.

Que coração haverá que não se commova escutando taes vozes sahidas do Crucifixo?

Si conhecessem bem o que fazem atirariam para bem longe essas mascararas e correriam arrependidos e celeres para o templo a desaggravar a Jesus e consolar a Maria.

Reparae bem, amados leitores quão fugazes são essas diversões. Erram quantos se alegram do que deveriam doer-se, e riem do que deveriam chorar. São semelhantes ás crianças, diz Sto. Agostinho, que brincam e riem até perante o leito mortuario de seu pai.

E pensar que ha pais e mãis de familia que por si mesmas vestem de mascararas os filhinhos e os conduzem aos clubs, aos passeios, até aos bailes de mascararas. Venham depois se queixar das consequencias quando são elles os culpados.

Peçamos aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria que abram os olhos da intelligencia a tantos cegos espirituaes.

Mas infelizmente o mundo não quer abrir os olhos á luz e o numero dos estultos e nescios será sempre infinito.

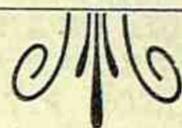
*Stultorum infinitus est numerus,*



LENDAS

## A TAMAREIRA PROTECTORA

(A' primorosa poetisa Julinda Alvim)



**M**EIO dia. Em cascatas de oiro liquifeito, inundando de luz as plagas orientaes, o sol refulge do alto, no esplendor offuscante de seu poderio...

Tendo sido avisado por um anjo de que Herodes, o grande, procurava o infante Jesus para matal-o, José e a S.S. Virgem seguiram rumo para o Egipto.

Fatigados e pobres, materialmente fallando, sentiam-se comtudo felizes por fugirem á allucinação sanguinaria do despota governador da Judéa, avisados pela Providencia que os guiava em todos os passos do seu humillimo viver terreal. E, alentados pela fé, levando com carinhoso cuidado o seu thesouro—Jesus menino, eil-os que seguem os santos foragidos sob o docel azul do firmamento, envoltos na luz chispante do sol, que se ostenta no zenith, cascadeando aureas ondas—manto régio, manto sublime feito pelas mãos augustas do Creador Omnipotente..

De subito estremece José, e a Virgem com frenesi aperta seu filho contra o peito...

E' que ouvem o canto dos soldados de Herodes, que se approximam... Naquellas passagens, erecta e magestosa, uma tamareira baloiçava de leve a sua copa ao volitar de caprichosas auras. Como que movidos por uma inspiração divina, os fugitivos postaram-se embaixo da tamareira e puzeram-se a orar... E... ó prodigio! lentamente, num gesto de pallio que descesse, a tamareira foi se curvando até a sua virente copa tocar á terra, occultando assim a sagrada familia. O canto dos soldados resôa mais perto e pelas fendas da folhagem José e Maria divisam os seus perseguidores que, avidos, incessantes, em busca do seu filho, passam a poucos passos da tamareira... Então já longe os famulos de Herodes, e a tamareira foi aos poucos levantando a sua copa até tomar a attitude primitiva.

E na vastidão incommensuravel do deserto, eis de novo a familia sagrada em marcha para o Egipto, sob a acção constante do sol oriental, que, mesmo bello, desmaia em ouro fosco ante o brilho deslumbrante, inconfundivel da loira cabecinha de Jesus.

Sorocaba

FRANCISCA DA S. QUEIROZ



## Nunca nisso reparara



ERA exactamente quarta feira de Cinzas, e ao sahir duma das mais frequentadas egrejas desta nossa bella Paulicea acharam-se casualmente Sisinio e seu primo o estroina de Gilberto.

Sisinio era esgalgado, alto e de tez corada e tão pura que ao travez della parecia transluzir a candura de sua alma. Era um typo nobre, alinhado e gentil e as valentes linhas de seu esguio rosto indicavam, antes excesso de nervos, do que falta duma vida que conservava-se exuberante em seu coração, não arruinado, nem mesmo enxobalhado pelo vicio. Ia entrar nos 23 annos e era um catholico practicante, pois catholica practicante era a familia a que pertencia e em cujo seio recebera uma educação aprimorada e catholica nas ideas e nas practicas. Estava Sisinio no seu ultimo anno de Direito, e carreira bem brilhante selhe deparava, dado caso que elle estudara a sciencia das leis á consciencia, como elle fazia todas as cousas.

Gilberto era um rapagote baixo de corpo, carregado de carnes, pouco sympathico e menos limpo ainda nas suas palavras do que no seu ser. Os olhos encovados e sem vida, e a tez descorada, não certamente pela penitencia; todo o seu aspecto denunciava ao longe um desses jovens atrevidos e descocados, que pensam mais nos garitos do que nas Academias, mais no baralho do que nos livros e cujo unico prazer são as pandegas e orgias. Elle dizia que cursava Medicina, e era com esse fim que a sua familia, unida á de Sisinio pelos vinculos do sangue, enviara-o a São Paulo; mas o que elle cursava, e frequentemente, era a rua Ipiranga e outras *ejusdem furfuris*.

Apesar de genios tão contrapostos Gilberto queria bem e respeitava muito a Sisinio que, para elle, mais do que seu primo era um ser extraordinario; um moço nobre, rico, talentoso, elegante, que estudava muito, não rezava menos, e que nunca era visto em casas de perdição. Sisinio era para Gilberto um mysterio, mas um mysterio adoravel, porque este, no fundo era mais perverso do que perverso.

Nesta quarta feira de cinzas, pois, dizia Sisinio a Gilberto, que passara as festas de Momo feito um perdido: — Valha-me Deus, Gilberto, quando vais concertar tu essa goteira que parece tens na cabeça? Cuidado com os tres dias que passaste neste Carnaval? ... Para ti o mundo é um festim perpetuo, no qual estamos para nos divertirmos e gozar, como si não tivéssemos alma, e não houvesse Deus, nem morte, nem eternidade.

— Apre! Sisinio, certamente ja esta manhã rezaste um Padre-nosso a *São Serio*, não é? ja queres espetar-me outro sermão? acho que o não mereço. Pois que mal ha em que a gente se divirta nestes dias de folia? Tu, como nasceste para seres frade, não podes te explicar que a mocidade queira folgar um bocado. E' por isso que estás

tão esgaiotado que pareces a imagem da Quaresma.

— Esta bom Gilberto, e assim andas tu com tão enormes olheiras e tão deshalinhado que es a imagem do Carnaval. Deixemo-nos, porem, de remoques e ouve-me quatro reflexões a respeito do teu Carnaval, desta *Quaresma do diabo*, que acho não te fara mal. E pois dizes que sou um frade não te zangues si te espeto um sermãozinho.

Falla Sisinio, ja sabes que sempre te escuto com prazer, mas antes permite-me que eu te faça uma pergunta apenas. Dize-me, nestes dias passados, quando os jornaes feriam os ares com os seus lamentos porque estava faltando o enthusiasmo de outros tempos para as festas de Momo, vinha-te vontade de cabriolar um pouco bem contra os teus austeros habitos, não é?

— Assim foi Gilberto, e tenho de te confessar com franqueza que outro tanto magou-me saber que a rapaziada ja ebria e desencabrestada começava a correr a essas immundas orgias de sensualismo, e que até os homens serios e sobre os quaes já pesam bastante os annos queriam ir a compita em doudice e no desenfreio de brutaes appetites. Pois achas que não é para sentir-se o ver tantas mães e esposas christans que tremem á só lembrança destes sabbados do inferno? Achas que uma alma que preza a sua dignidade pode ver insensível como a franca gargalhada do vicio sem disfarce algùm de pudor substituiu á velha mascara ridicula e caricaturesca? Deixaremos de anathematizar esses bailes, nos quaes não se dança, e que servem de pretexto para mais grosseiras e repugnantes dissoluções? Ah! contam-se com o animo embargado pelo espanto os desastres duma guerra, apavora como enorme desgraça uma crise mercantil, mette medo apenas o pensar os quadros lugubres das epidemias, dos terremotos, das innundações, e ficaremos estoicos diante da crise, epidemias, e transtornos que traz consigo sempre o Carnaval?

— Não me julgaras temerario si te dizer que foi o P. Carancha que estas tintas te emprestou.

— Deixa em paz o P. Carancha que nenhum mal elle te fez, e sabes que, em baixo daquellas apparencias rudes, encerra um coração grande e sensível, uma alma delicada e nobre que, como amaldiçoa todo acto menos digno e puderoso, fica sensibilizado diante de toda acção nobre e generosa, que abre os seios immensos de seu coração para acolher e amparar todas as miserias, e com o espirito calmo e sereno dize-me tu, si não é certo que essas fatidicas casas de penhores olham estes dias como a sua divindade protectora; nelas ficam sacrificadas em aras do vicio as roupas da casa, as joias da esposa e das filhas, que nunca mais seram remidas, que amanhã iram formar parte dum leilão, onde não se cotará mais do que o seu valor material, e não as recordações que encerram, as lagrimas que suppoem, as ignominias e deshonoras que significam. Si não é igualmente certo que o cortejo inseparavel destes dias são as desuniões na familia, a bancarrota de muitas honras que nunca mais se poderão recuperar, as fortunas para sempre anniquiladas, a innocencia precozmente corrompida; a libertinagem, como moda, auctorizada, os vinculos mais santos e sagra-

dos ou cortados ou tristemente relajados, os suicídios que enchem as chronicas rubras dos jornaes. E sabes, Gilberto, que esta é a estatística do Carnaval que podemos ver; porque aquella que não se ve hoje, mas que um dia deve apparecer no tribunal divino, essa é immensamente mais longa e de consequencias bem mais tristes. Pergunta-o á aquella mãe de familia, que nestes dias esquece a sua fé conjugal, a dignidade de seu estado e da sua pessoa e ostenta numas todas as miserias só porque um pedaço de papelão ou panno cobre-lhe as faces, julgando que essa mascara que suprime a sua vergonha é capaz de suprimir tambem a sua consciencia. Pergunta-o tambem a aquella delicada doncella, que fora deste tempo, durante onze mezes e meio do anno, parece ficar offendida do ar que agita um dos seus loiros e sedosos cabellos, assim é de pura e recatada! mas que, por levar aquelle antiface, acha que tudo lhe é permitido; repara para ver si nos seus modos, no seu vestuario, na sua linguagem, nos seus me-neios a podes distinguir daquelloutra que ao seu lado está e que vive do escandalo e da corrupção. Pergunta-o aquelle senhor maduro na idade, mas verde no vicio, e com tudo atira no altar desse immundo idolo, fama, honra, character, saude, familia. Pergunta-o aquelloutro moço buliçoso; é um congregante de São Luiz e da Immacula, mas que em nada differe d'aquelle seu companheiro que nem tem fé, nem acredita, na pureza do Anjo da mocidade, nem sente attractivo pela Mãe da pureza.

—Vamos, Sisinio, parece que esta manhã tomaste pimenta no café, assim estas hoje de bravo.

—Não estou bravo, Gilberto, estou justo, e ainda não disse tudo.

—Ainda te fica alguma cousa?

—Fica sim, e é o mais grave.

—Serão as máscaras.

—Não Gilberto, é esse divertimento um dos mais innocentes, quero dizer dos menos perigosos, mas frisaras comigo em que é um dos mais ridiculos e tolos. Eu não sei que graça pode haver em andar por essas ruas de Deus com a cara coberta com uma cabeça de jumento, ou de porco, ou outras mais ridiculas, perguntando, fingida a voz: "*me conheces*"? Parece-me que não deve ser muito bom e bello aquillo que não se apresenta a cara descoberta. Não, refiro me a essa outra surpresa que o diabo nos reservava com a chamada *dança das crianças*.

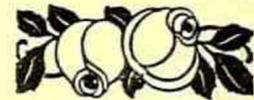
Francamente nunca tivéssemos pensado que a impudencia e descoco chegasse a tanto que viesse cevar-se nas crianças: Nos sempre julgamos que estas ternas e mimosas flores, que constituiram as dilicias de Jesus, estavam e sempre continuariam a estar ao amparo de certo genero de perigos; a sua pureza sempre foi tida na conta das cousas sagradas e inviolaveis, ainda para os menos escrupulosos; os attentados contra a innocencia das crianças foram sempre terrivelmente punidos em todos os codigos, e considerados não somente como peccado gravissimo perante Deus, senão como verdadeiro crime domestico e social, com muitos pontos de similhaça com o assassinato duma alma com premeditação e alevosia, a causa da fraquesa que offerece a infancia. O ho-

mem ja sahido da infancia pode resistir as sugestões do vicio, e si as occasiões que se-lhes offerecem podem ter como resultado tremendas e vergonhosas quedas podem tambem ser occasião de gloriosas victorias. Não assim as crianças; não estão ainda prevenidas para estas lutas, e acham perigo na sua mesma inexperiencia.

Examina pois, Gilberto á luz destes principios o callificativo que merecem esses pais e mães desnaturados levam que seus filhinhos e filhinhas a essa nova escola de corrupção, que nos entrega o demonio com o nome de *dança de crianças*. Elles, os primeiros obrigados a velar pela pureza de suas almas, elles, os guardas privilegiados, os centinelas do alcaçar desses ternos corações, serem os primeiros a envial-os para que a atmospherá pestilente de sensualismo e descoco que nesses logares respira-se, as inficione e mate! a entregar ao mundo, ao demonio e a carne, a chave que o altissimo lhes confiara! Quasi que já não temos crianças esclama a sociedade hodierna diante do avultado numero de crimes que entre menores diariamente registramos. Eis a causa meu Gilberto.

—Tens razão Sisinio, nunca nisso reparara, e eu te garanto que nunca mais Momo me contara entre seus adoradores.

FIRMUS



## A imprensa e os catholicos

**A** PROVEITANDO nossos lazeres, algo vamos escrever sobre tão momentoso assumpto que os catholicos não podem desprezar, e a que devem consagrar o melhor de suas energias, se quizerem dilatar, cada vez mais, o reino de Deus e obstar á paganisação social. A imprensa, cuja importancia real não podemos negar, está nas mãos da impiedade, que della se tem servido para a deschristianisação dos povos, para a sua demoralisação e decadencia.

A imprensa é um precioso ariete de que nos havemos de servir para derribar as muralhas dos filhos da iniquidade.

Se com ella tudo conseguiram os filhos das trevas, com ella tudo havemos de conseguir nos os filhos da luz.

E' um dever, senhores catholicos, lançar mão deste meio, que a Providencia nos depara, para exercer nosso santo apostolado, levai a verdade a todas as intelligencias, e o bem a todos os corações. Mercê de Deus não nos fallecem recursos, tanto intellectuaes como materiaes. Affirmar o contrario é mentir. O unico recurso que falta a muitos catholicos é a boa vontade.

Todos, sem distincção podemos fazer alguma coisa. Pouco ou muito façamol-o, tentemos pôr um dique a essa corrente avassaladora de descrença e de immoralidades, que são o opprobrio da decantada *civilisação hodierna*.

Não nos intimed em torvos olhares de quem quer que seja. E' tempo de responder ás negaças

dos phariseus, com o mais completo desprezo, com a mais absoluta intransigencia. Queremos deferencia a nossos pedidos, e respeito a nossos direitos? Unamo-nos e trabalhemos no campo em que devemos trabalhar. A nossos inimigos, só unidos e disciplinados, nos poderemos impôr. Por meio de transigencias, é tempo perdido.

Os nossos inimigos de sempre são a velhacaria personificada. Só cedem perante a força; aliás continuarão calcando aos pés os nossos direitos.

Secundemos a boa imprensa, ainda a troco de ingentes sacrificios.

Todos podemos fazer o seguinte:

- a) Desprezar e hostilizar a imprensa impia.
- b) Assignar e angariar assignantes á imprensa catholica.
- c) Não fazer a menor referencia ao jornal, revista ou folheto de propaganda extranha aos nossos principios; e com muito mais razão, se forem hostis aos mesmos.
- d) Exercer toda nossa actividade, neste sentido, dentro do circulo de nossas amistosas relações.
- e) Procurar introduzir em todos os lares o bom jornal, livro ou revista.
- f) Prestar todo o nosso concurso, sem interesse de especie alguma, quer como collaboradores quer como agentes ou correspondentes.
- g) Tomar a assignatura do bom jornal, lê-lo e dá-lo a ler aos nossos companheiros e apresental-os nos lugares publicos ou centros de reuniões onde possam ser lidos.
- h) Levar aos mesmos os annuncios de nossas casas se nos darmos ao commercio, e se não, arranjar-lhes os annuncios dos negociantes com quem privamos, etc.

Digam-nos agora, senhores catholicos, si isto é muito; se não pode fazer-se e se isto se tem feito.

Um avultado numero de catholicos desconhece ou finge desconhecer a importancia da imprensa. Pela nossa parte, sem ambages ou rodeios, lh'o

declaramos: que reputamos tal a importancia da imprensa, que si em nossa mão estivesse fundar uma cathedral ou um bom jornal, preferiamos este áquella. Porque? Porque para a evangelisação dos povos muito podem concorrer uma e outra coisa; mas o jornal muito mais.

O jornal, quando bom, é o apóstolo destemido que visita todos os lares, enfrenta todos os adversarios da verdade, prégando a todos a mesma doutrina, os mesmos principios.

Tem entrada em todos os paços e choupanas. Vae de rua em rua, de praça em praça, de estado em estado, de cidade em cidade, de villa em villa e de povo em povo. É um missionario incansavel, um guerreiro destemido e intransigente, forte e audaz.

É o orvalho benedicto que penetra em todos os campos, ainda os mais aridos, para lhes comunicar a fecundidade e a vida. Poder-se-á dizer outro tanto da cathedral! Parece-nos que não, e neste nosso parecer, se baseia nossa preferencia. Levantem-se muitas cathedraes, mas, ao lado das mesmas ou sobre as suas dependencias, criem-se bons jornaes, que sejam como que os para-raios das mesmas, esses raios chamados decretos que as transformam, sem escrupulo de especie alguma, em quartéis.

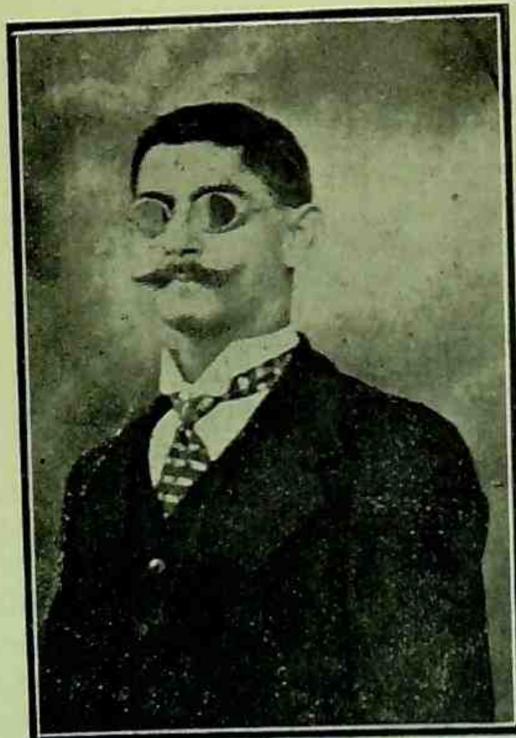
Defendamo-nos, senhores catholicos, emquanto é tempo: os inimigos de Deus são os mesmos por toda a parte. Nada os detem na sua furia destruidora.

Affonsos e carbonarios, bernardinos e formigas não faltam. O mundo está cheio de cavernas do crime e da iniquidade, A serpe antiga apresta-se a fazer o bote. Seja a imprensa a nossa trincheira de defeza.

INTREPIDO



Favorecidos da C. de Maria



BARRETOS — Menino Orlando Laranjal — Sr. Benedicto R. Vieira

Um ministro exterior de Athenas, convidando a um nobre marquez de França para apertar a mão de Ernesto Renan, o blasphemador da Divindade de N. S. Jesus Christo, teve a resposta seguinte: *Jamais apertarei aquella mão que esbofetou a meu Deus!*

—w—

Autentico:

Num collegio relligioso equiparado. Vem o fiscal do governo fazer a visita official. Dirige-se a uma aula a esmo. O professor apresenta-lhe uma cadeira, e o alumno continúa a escrever uma phrase, na taboa negra, em caracteres desconhecidos para o fiscal.

Ah! muito bem! Allemão... Letras gothicas, não é? — diz o fiscal, com um tom de benevola vaidade.

Uma gargalhada geral acolheu a phrase de s. exc. o fiscalisante.

A aula era de grego...

## Coração de medico

«Ah! a morte a morte... é das coisas que as leis da natureza prescrevem, que a razão explica, mas que o coração... esse não comprehende nunca!»

Annita Philiponstry

NAQUELLA nevoenta manhã de Junho, quando tibiamente um sol doentio começara a projectar seus raios por sobre a infinita tristeza da terra, Lucy manifestára os primeiros signaes da morte. Suas faces, outróra rubras e sadias, tinham a pallidez algida é etherea de lyrios aos beijos do luar; seus labios resequidos a parecença tristonha de petalas fenecidas...

Levemente alteava-lhe o peitinho debil, sob o vago impulso duma respiração que se esvaia, dos ultimos alentos da vida que findava...

Acabrunhadas, immersas numa augustia mortal seus paes choravam...

Lucy, o encanto do seu lar, o meigo anjo sob cujas alvacentas azas abrigavam a fronte abatida pela prosa da vida, a synthese sublime do seu puro amor, morrer quando apenas lhe alvorecia a existencia, fenecer como um botão sob a acção ardente da canicula, antes mesmo que suas petalas setineas bebessem o orvalho do céo!

Quando ja na mente cançada do homem reflectirem em evocativas consolantes todas as phases da existencia, a morte será apenas a branda metamorphose da vida — deixar o rude envolvero terreal para ir habitar uma esphera sobrenatural infinitamente mais elevada que a rasteira mesquinhez deste planeta; mas morrer uma creaturinha quando apenas surgira para a vida!

Um medico carinhosamente ministva-lhe os derradeiros recursos da sciencia...

E Lucy, docemente, inconsciente de que a morte lhe tocava com sua mão esqueletica, na pallidez etherea de alvacentos lyrios, sorria!...

E tinha não sei que de angelico nesse sorriso de creança moribunda!

A morte é um tetrico phantasma que apavora o homem.

Morrer! morrer! palavra fatidica que repercute como um echo funereo na alma humana! Quando ruma infinda barcarola de risos deslisa a vida, e sofrego o coração bebe no calix da ventura o nectar suavissimo das illusões fagueiras, quando docemente a alma balbucia mysticas preces no paiz do sonho, basta que vagamente lhe perpasse pela mente a visão do tumulo para que o homem trema e se dissipem de sua alma as nuvens loiras da phantasia...

E porque? Porque o homem conhece o mal, porque sua alma se despira das jaspeas vestes da innocencia.

E por isso sorria Lucy com as faces estigmatizadas pelo sopro da morte: desconhecia o mal, desconhecia a vida, de cujo canto sómente entoára o preludio...

Nascera quando a primavera distendia sobre a terra o seu manto perfumado e chamava com suas louçanias os ternos cantores das mattas... Do

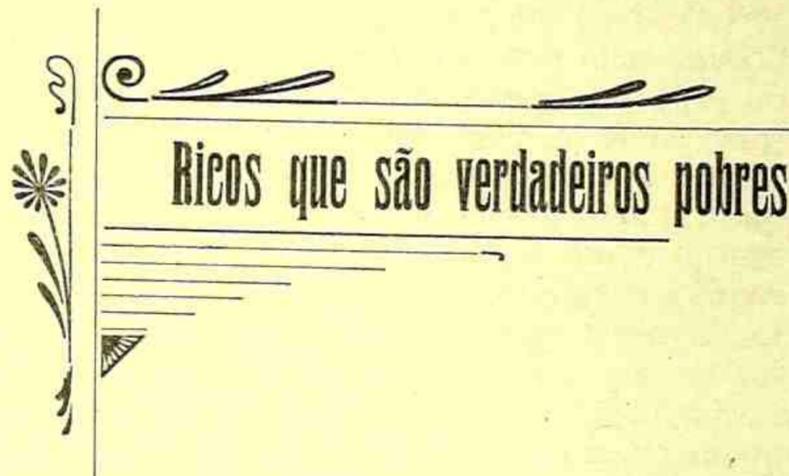
thuribulo santo do coração de seus paes emanaram suaves ondas do incenso do amor a lhe perfumar os dias...

Mas entre carinhos e beijos, sómente vivera duas estações, e quando o lugubre inverno na modorrenta tristeza de seus dias taciturnos afugentou das ramadas as meigas avesinhas, sorrateira molestia se infiltrára no seu fragil organismo.

Nisto meditava o bondoso medico, emquanto o pallido anjinho entre sorrisos exhalava o ultimo suspiro... E o seu rosto venerando, impassivel sempre, como se destinado a presenciar os quadros mais afflictivos da miseria humana, sem alterar-se nunca, visivelmente reflectiu a profunda commoção que lhe ia na alma. Em todo seu longo tirocinio medico nunca se sentira tão vivamente impressionado como naquelle momento ao ver um innocente que sorria quando traicoeira e cruel a morte o arrebatava em seus medonhos braços...

Sorocaba

FRANCISCA DA S. QUEIROZ



**A**QUI vai outra. A do rico, não avarento, porém perdulario, dissipador, que é o opposto do precedente. Este tambem é um desgraçado, que póde ser chamado mendigo.

Isso é muito natural.

Por maiores riquezas que possua vive sempre a soffrer necessidades.

Necessidades, não impostas pela natureza, nem pela sua posição social; necessidades oppressoras, creadas pelo prodigo, procurando satisfazer todos seus loucos caprichos e menores phantasias.

Façamos um calculo do caso em questão.

O sujeito tem vinte por cento de renda, e gasta cincoenta.

E' pois pobre, ao menos em mais de trinta, se não mente a centa de sommar.

Póde ser muito rico, porém as mil necessidades ficticias, que como outras tantas chupadoras sanguesugas, o agarraram em seu modo de viver, esgotam-n'ó, fazendo que elle passe miseravelmente.

Dizia certa vez um philosopho, ao passar fronteiro a um colossal bazar de quinquelharias e lentejoulas innumeraveis: «Vejam só como eu sou rico; pois isso que está alli no bazar, me sobra, visto que nenhuma necessidade sinto d'ellas.

Ao contrario, poderia dizer o rico perdulario e gastador: «Quão pobre sou eu, visto que tantas

cousas ha que muita gente não sente necessidade, e eu nã posso passar em ellas.”

Vejam só como elle vive inquieto, afadigado, afflicto, mais do que o mendigo, que não tem pão para matar a fome dós filhos; mais do que o operario, que vê approximar-se o fim do mez, e sabe que não poderá trazer o salario para casa, por já ter esbanjado tudo.

Oh! que miseria! e forçoso sustentar é luxo; é preciso continuar com as festas ruidosas; tem que fazer dispendiosas viagens de recreio.

E' preciso pôr nos jornaes: «O exmo. senhor Fulano amanhã dará recepções» etc.

«A esposa do sr. sicrano começa' na proxima semana, a abrir os seus salões ao publico.»

E' preciso brilhar, lançar poeiria nos olhos do publico, offuscar aos rivaes.

E cada uma d'essas cousas, custa agonicas mortaes, a sue espirito atormentado.

Porque a verdade é que sua fortuna não chega para isso tudo.

Atrazos deploraveis, dividas vergonhosas, usurarios que o apertam como corda de enforçar, credores antigos e cançados de esperar, lances e e trapaças que offendem a honra e a consciencia... oh! que tristes episodios os da riqueza, que não o, é, por achar-se em desproporção com as falsas necessidades.

Esses pois são ricos de nome, mas verdadeiramente pobres, no seu mais exacto sentido, para todos os que querem chamar as cousas pelo seu nome real.

Ha ainda outra classe de pobres que causa, na verdade, compaixão.

Entre o rico avarento, que não desfructa de sua fortuna, por causa da maldita avareza, que o domina e subjuga; e o rico-pobre, por causa de sua prodigalidade e louca phantasia, ha outra classe de rico-pobre, é o d'aquelle que não faz de sua fortuna o uso que deveria fazer.

Passemos a exemplos practicos que melhor explicarão o caso.

Como é pobre o *seu* Eleutherio, o grande homem, meu vizinho, que mora alli fronteiro, apesar de ter muita prata e muitas notas do Banco, aferrolhadas em sua caixa forte.

Pobre, diz o senhor?

Sim, pobre, como o que mais seja.

Mas... se elle não é avarento, não é gastador, gasta com ordem e boa administração; a de sua casa poderia servir de modelo ao ministerio da Fazenda.

E comtudo, é pobre! e como não ha de ser assim, se com toda sua riqueza, não póde salvar a alma, que é o que mais se tem empenhado na perdição?

E a gente imaginar que com as riquezas póde-se comprar tudo, até mesmo o céo.

Homem!! isso é um disparate!

Sim, meu caro, com o dinheiro pode-se até attrahir o Supremo Juiz!

Ave Maria! que tremenda blasphemia!

Nada d'isso, e se o amigo puxar muito por minha lingua, eu direi, que com o dinheiro póde-se apagar o fogo do purgatorio e ainda precatarse do inferno.

(Continúa)

DR. F. S.

## OBRIGADO

(A' EXMA. SRA. D. ALICE SERVA)

«Bem quizera, Senhora, em metro d'oiro  
«Mostrar quanto avalio este thesoiro  
«Que o genio soube dar-te».

TORRES BANDEIRA

Em conceder-me, por vossa gentileza,  
A honra e o goso de ouvir, com a alma presa,  
Do piano ao teclado,  
As notas que partiam, seguras, compassadas  
De mãos mimosas com talento guiadas  
Por pulso exp'rimetado;

Pelo orgulho de ver, em lucido proscenio,  
Surgir por ti levado da arte um novo genio  
Brilhante e promissor;  
Mil vezes obrigado. Eu bemdigo a mulher,  
Quando á frente bondosa engastar inda quer  
Da arte o resplendor,

E sinto-me elevado a ouvir no patrio lar  
«Os Nocturnos» Chopin docemente tocar  
Por finas mãos patricias,  
Que sabem traduzir com alma e correcção  
Dos mestres consagrados a vasta collecção  
Das musicaes delicias.

E sendo assim, bem vês, que bella e encantadora  
A festa que nos déste. Bemdicta professora  
Que tal discipula tem.  
Ella soube apossar-se da alma que a formou,  
Como ella o instrumento meigamente domou,  
Fez-se artista tambem!

Eu não sei se illusão, mas bem me parecia  
Estar a ver Beethoven que orgulhoso sorria  
Ao ver-se executado,  
Tal qual como senti — a «bercense» escutando  
Estar tranquillamente o bosque atravessando  
De um paiz encantado.

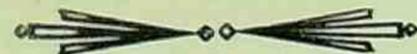
Encanto e perfeição! O bello recital  
Teve tal correcção, um brilho e lustre tal,  
Que juntas se fundiram  
A discipula habil e a mestra intelligente,  
Quando entre ellas — mãos do povo competente  
As palmas dividiram.

E — com o poeta — deixa, alma selecta  
Que eu diga, agradecido, filha dilecta  
Da harmoniosa arte:

«Bem quizera, Senhora, em metro d'oiro,  
«Mostrar quanto avalio este thesoiro,  
«Que o genio soube dar-te».

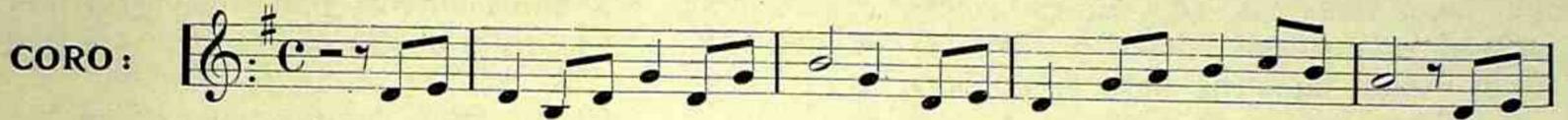
S. Paulo, 21 de Fevereiro de 1916

DINAMERICO RANGEL





# SOU CRISTÃO!



*Sou chri-stão, e de o ser me glo - ri - o; Sou chri-stão, Jesus Christo é meu Rei. Creio em*



*Deus e só n'El-le con - fi - o, Sou chri-stão e christão mor-re - rei. Vi - va Deus, nos-so Pae, nos-so Re - i! Vi - va,*



*vi - va, vi - va!*



*Sou chris-tão! eis a mi-nha es-pe - ran - ça Meu bra-zão, minha gloria é tam-*



*bem. Creio em Deus, no meu Deus qu'em cri-an-ça A ser-vir m'en-si-nou minha mãe. O mais bello e precioso the - sou-ro, O con-*



*dão dos soldados da Cruz, Ah! não sejam grandezas nem ou - ro, Mas a - mar e ser - vir a Je - sus.*

## II

*Que me importam os impios gracejos?!...  
Da impiedade desprezo os baldões!  
Que temer dos atheus os motejos,  
Não, não podem christãos corações!  
— Odio e guerra ao christão e á Egreja,  
Morte a Deus! — o blasphemo jurou.  
— Mas em vão contra o céu se peleja,  
Deus não morre! — o christão exclamou!*

## III

*O christão não conhece o receio;  
Dá-lhe alentos a vista da cruz  
Da renhida peleja no meio;  
Luctará, vencerá com Jesus.*



*Sempre o lemma das nossas bandeiras,  
“Pela Patria” — há-de ser e “por Deus!”  
Não deshonrem as nossas fileiras  
Renegados, trahidores e atheus!*

## IV

*Sou christão!... eis a minha nobreza!  
E se alguém de negar a sua fé  
Algum dia tiver a fraqueza,  
Impio sim, brasileiro não é!...  
Sem temor, sem respeitos humanos  
De Jesus professemos a lei!  
Eia, irmãos, repitamos ufanos:  
Sou christão e christão morrerei!*

P. AMANDO ADRIANO LOCHU



# O Missionario sertanejo

XVIII

## Os falsos monjes e prophetas

Com este nome de monje ou propheta se distinguem aqui no sertão, certos sujeitos que abusando da fé do povinho simples, espalham orações, ou se apresentam com ares de santidade dando bençãos aos doentes, na criação, nos campos, conjurando flagellos ou curando doenças e pestes.

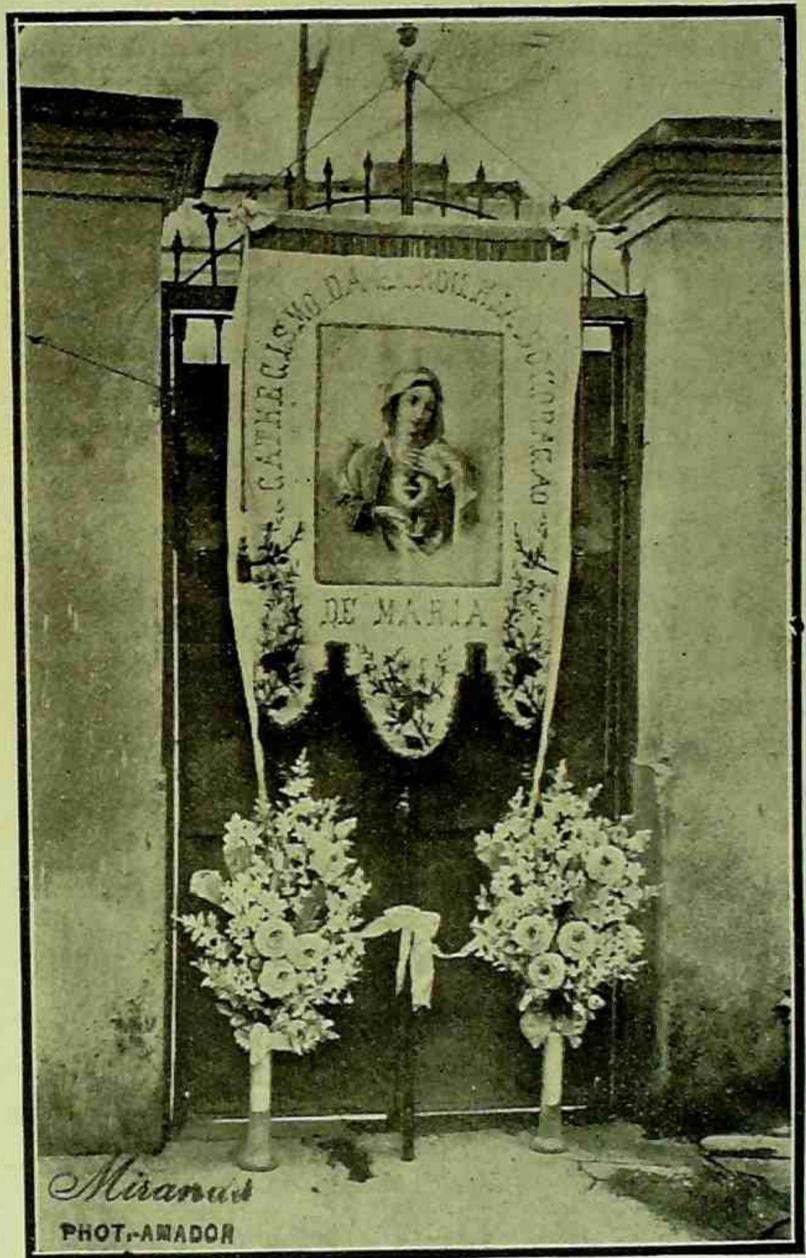
Sujeitos exploradores ou explorados conseguem viver bem e sem trabalhar. O nosso sertão do Paraná é um dos mais flagellados e explorados por estes curandeiros venerados como santos. Quem é que não ouviu fallar do celebre João Maria, do frei Paulino e frei Manoel nos rochedos do Tibagy e de outros muitos? Quem é que não ouviu fallar do celebre santa Maria de Pirajú, da negra santa Maria Virgem, de João Boabo e da serva Candida? Direi aos meus leitores duas palavras da sertaneja chamada santa Maria Virgem e de João Boabo, meus freguezes e parochianos e que conheci bem de perto as suas trapaças e historias.

Em um logarejo escondido no meio do matto povoado de choupanas de pau a pique vivem algumas familias de negros e caboclos vadios. Uma menina de seus doze a quinze annos foi o instrumento de que se serviram pessoas de sua familia para fazer negocio a custa de mentiras e invenções. Existia no lugar uma pequena fonte a qual deram por chamar agua santa que curava todas as doenças, bebida com fé e devoção, mas para entrar na fonte era preciso passar diante de um cruzeiro por elles levantado, ao pé do qual todos deviam deixar esmolos em dinheiro. Fizeram correr que Nossa Senhora apparecia todos os dias á menina, e que só ella via, que fallava com ella e lhe revelava muitos segredos. A menina desempenhava a maravilha o seu papel de mentirosa. O povo fanatico, simples e ignorante deixou-se enganar e de todas aquellas redondezas e de muito longe affluíam curiosos, romeiros, doentes e outras pessoas ricas e graudas até das cidades. O logarejo transformou-se em acampamento, tanto era o concurso de gente.

A menina, santa Maria Virgem era visitada, recebia valiosos presentes, aneis, brincos, correntes de ouro e muito dinheiro. Um dia correu a voz que Nossa Senhora Maria SS. appareceria em carne humana, mas que ninguem a poderia tocar ou apalpar. O que fizeram? Compraram na cidade um boneco, o arranjaram bem durante a noite e ás primeiras horas do dia o mostraram ao povo como si fosse Nossa Senhora em carne humana. Houve um espertalhão que desconfiado, aproveitando uma occasião chegou perto, apalpou e viu que em vez de Nossa Senhora, de carne, como elles diziam, era um boneco da loja. O tirou do altar e mostrando-o ao povo em grande massa ali reunido, todos ficaram corridos e convictos do engano. Desde aquelle dia acabou toda aquella historia.

Um outro missionario já por muitas vezes me tinha fallado contra aquelles abusos de religião, mentiras e vadiagem da rodinha de farçantes. Aos poucos mezes a cabocla sertaneja, chamada santa Maria Virgem, unia-se em santo matrimonio e hoje é mãe de familia rodeada de robustos pimpolhos. Deixou de ser virgem e perdeu o nome de santa.

Outro exemplo é a historia do velho João Boabo. Sujeito ladino por natureza, robusta presença, imperioso e fanatico. Querendo imitar os outros monjes sertanejos, estabeleceu-se num logarejo, bem afastado do commercio humano, le-



Estandarte do Cathecismo da Parochia de Villa Mathias — Santos

vantou uma capellinha e formando grupos de folias conseguiu reunir muita gente e muita nomeada. Pelas suas immoralidades e crueldades foi expulso e logo processado e condemnado pela auctoridade civil a tomar a sombra por alguns annos na cadeia publica. Logo que cumpriu a pena levantou seu rancho a beira de um riosinho nos fundos escondidos da serra. Tambem aqui construiu uma capella consagrada ao Divino. De um fiosinho de agua formou uma fonte, a cercou de taquaras, a rodeiou de cruces.

Seguiram-se as romarias, os milagres, as esmolas avultadas, as prophcias e demais historias. Tive a curiosidade de conhecê-lo de perto. Cheguei a casa d'elle, examinei a fonte, celebrei missa na capellinha confessei e dei a communhão a muitos fieis, fiz alguns baptisados de creanças grandes e pequenas, legitimei alguns casamentos e fiquei convicto da malicia do velho, e da simplicidade, bons costumes e religiosidade do povinho explorado por aquelle monje velhaco. Tive algumas conversas com elle e conheci tambem que não respeitava os sacerdotes nem a confissão; julgava-se o pobre do homem, superior a todos mortaes, illuminado e propheta. Aconteceu que sendo verão, á noite levantou-se uma tempestade. Estavamos os dois sosinhos, pois o povo já tinha ido embora. Em palestra contava-me sua agitada vida, seus milagres e prophcias, seus feitos mysteriosos que eu bem conhecia, mas que dissimulava ignorar para ver si podia reduzi-lo a deixar aquella vida e tanta exploração. Logo que ouviu o trovão ficou immutato por muito tempo, levantou-se do mocho, tomou seu tambor, instrumento favorito destes monjes e dando uma volta em roda da choupana disse algumas cantigas e logo voltou dizendo: já se foi, não ha mais perigo, pode descansar que eu posso tudo. Coitado do velho! No dia seguinte fui-me embora daquelle lugar e resolvi fazer uma campanha contra o tal monje. Morava lá perto uma boa familia christã, expuz o caso, disse missa.

Expliquei ao povo como tudo aquillo era mentira, que não deviam visitar aquella fonte, nem acreditar na palavra do falso monje-propheta nem dar esmolas. Coadjuvado por esta boa familia e por outros bons christãos, o monje viu-se sosinho, abandonado, desprezado. O povo livre daquelle explorador immoral, a religião augmentou com toda sua pureza e respeito.

Não ha muitos annos o velho João, monge e propheta, morreu sem ser monje e sem ser propheta.

CONTINÚA



## Educação das crianças

**A** maior parte dos homens são aquillo que suas mães o fizeram ser.

O pae que permanece fora da casa quasi todo o dia não tem sobre os filhos a metade da influencia que, sobre elles exerce a mãe. Eis a razão porque uma mãe carrega com uma grande responsabilidade, seja ella a pessoa mais pobre do lugar. Tal o jardineiro, assim é o seu jardim; tal a mulher, assim é toda a sua familia. Antes que uma raça nova appareça no mundo, é preciso haver verdadeiras mães.

Encontramos geralmente moços distinctos, de valor mesmo: é que elles tiveram boas mães, piedosas e tementes a Deus.

As creanças muitas vezes causam terriveis dores de cabeça á suas mães, porém si estas deixarem-nas fazer todas suas vontades, seguir todas as suas inclinações; quando essas creanças chegarem á maior idade, certamente que hão de despedaçar-lhes o coração.

O amor maternal não deve ser excessivo, cego; pois pouco lucrará uma creança cuja mãe exita reprehendel-a, por turnura.

Aquella que ama loucamente seus filhos, fará d'elles uns loucos.

As blusas dos meninos precisam as vezes serem fustigadas com uma vara, e os vestidos das meninas teem melhor aspecto depois de sacudir-se a poeira. As creanças que jamais são reprehendidas assemelham-se aos campos que jamais foram cultivados. A pessoa que pensa ser cousa facil educar uma creança, mostra que nunca educou uma só. Uma mãe educando bem seus filhos deve ser sábia como Salomão, paciente como Jesus foi com seus discipulos.

Ha creanças que causam grandes desassocegos ás suas mães. Todo o esrfoço parece falhar deante d'ellas.

Taes creanças devem impellir-nos para mais perto de Deus, pois Elle póde branquear a pelle de um mouro e fazer desaparecer as manchas do leopardo. Essas creanças objecto de nossas orações hão de tornar-se creanças de acções de graças.

As mães que teem chorado deante de Deus por causa dos seus filhos, entoarão um dia um cantico novo a seu respeito. Só Deus póde melhorar aquillo que nós mesmas não o conseguimos, é a razão porque as mães nunca devem desesperar dos seus filhos emquanto elles estão vivos. Deus está em toda parte, Elle não os perde de vista, mesmo quando naveguem sobre as grandes aguas.

As mães que incessantemente estão criticando e que sempre teem alguma cousa á reprovar em seus filhos, perderão a sua influencia sobre elles. Estas creanças nunca hão de sentir-se bem a gosto perto de sua mãe. "A presença de minha mãe faz-me tanto bem", disse-me uma pessoa. Assim deve ser; perto de sua mãe os meninos e as meninas devem sempre estar á liberdade, alegres e satisfeitos. Jamais constrangidos.

E' preciso que ella tenha intelligencia para tudo o que lhe diz respeito, é assim que ella adquirirá a sua confiança.

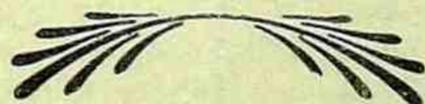
Um sorriso carinhoso no rosto de uma mãe, tem guiado muitos no bom caminho, o receio de fazel-a derramar uma lagrima reteve muitos filhos longe do máu caminho.

Um menino póde ter um coração de ferro, mas a mãe póde fazel-o macio como a cera. Homem algum perdeu-se emquanto teve fiel e piedosa mãe orando sempre por elle.

—Oh! mãe, vesso poder é grande, egualmente é grande a vossa responsabilidade.

(Da Revista feminina)

ALBINA A. PIRES DE CAMPOS



## Caridade recompensada

**S**EIS horas da tarde. Lugubrememente se aproximava a noite, e n'um vaivem continuo as nuvens carregadas e sombrias cortavam o espaço. Acabado o jantar, eu tinha de fazer uma visita a um amigo enfermo. Olho o ceu, contemplo as nuvens, e na intrepidez da juventude parece-me que nada tenho a recear, deixando assim em casa o guarda-chuva e o capóte. Saio e moderadamente me dirijo á casa do amigo, enquanto a noite desce sombria e tempestuosa. Como de costume, vou pensando nalgum episodio passado, e quando dou fé de mim, já os grossos pingos de forte chuva regam a crosta da terra. Apresso a viagem, mas é tarde demais, todas as casas estão fechadas e a chuva cahe a cantaros. Forte ventania se faz sentir com seu sibilo ferino.

Dobro uma esquina, entro em uma estreita viella onde o vento parece querer carregar tudo. Subito ouço um rumorzinho da calçada. Que entesinho infeliz estará a soffrer as crueldades desta tempestade? interrogo-me eu um pouco compadecido... E o vento atira a meus pés um pobre pintainho molhado e a tiritar de frio. Abaixo-me, e num movimento de caridade apanho o animalzinho que pipila agradecido sob o meu paletot. Prosigo a marcha e ao chegar á avenida, vejo passar um bond que vae até a nossa casa. Tomo o bond, deixando a visita para outro dia.

Ao chegar em casa contemplo o fructo da minha idéa compassiva. Um pintainho muito pequeno, mas de longo pescoço e cabeça consideravelmente grande. Vou ao gallinheiro, colloco-o sob uma gallinha muito bôa criadeira, e satisfeito por ter salvo uma vida nesse dia, vou recuperar no somno as forças perdidas na labuta diaria.



Cinco mezes são passados. Em meu escriptorio escrevo um artigo para um diario, quando ouço tocar a campainha. Interrompo o trabalho para ver quem é. Não é desconhecido. E' o tal senhor que varias vezes me propoz negocio pelo soberbo gallo que tenho no terreiro. — Ah! não o vendo absolutamente—Dou-lhe cem mil reis.—Não posso, é joia de que não disponho. Não posso vendel-o. Mas o amor pelo dinheiro me quer seduzir...

E ja aperto a mão que a mim estende para aceitar a proposta... Foi-se o gallo e em troca ficaram os cem mil reis. Que recurso! Ah! o dinheiro destróe ás vezes os sentimentos mais arraigados. Apoderaram-se de mim sentimentos varios; alegria por aquelle dinheiro ganho tão facilmente, pesar, por ter comettido uma ingratidão: o destino me trouxe o gallo e o proprio destino devia leval-o... Mas, comettida a falta, só podia reparal-a, e para fazel-o quiz perpetuar esta recordação em um bello quadro bordado ricamente onde se via de um lado o pintainho na chuva atirado pelo vento, e de outro o lindo gallo que era a soberba do meu terreiro. Este quadro foi coloca-

do em meu escriptorio, e nelle se lia em lettras douradas:

Fazei bem sem olhar a quem, pois Deus em troca vos pagará cem.»

Bello Horizonte, Outubro de 1915.

JOAQUIM CAMPOS DO AMARAL



**SÃO PAULO** — Maria Elisa Toledo, patenteia sua gratidão ao Ido. Coração de Maria por uma graça que obteve de sua maternal bondade. — M. D. agradece ao bondoso Coração de Maria uma graça que lhe obteve. — D. Olga Penteado prometeu publicar na «Ave Maria» o singularissimo favor que conseguiu, ao ver-se acometida d'uma molestia que lhe atacou a columna vertebral, obrigando-a a curvar-se. Depois de muitos remedios desanimada pediu a Nossa Senhora e repentinamente sentiu-se curada causando espanto aos proprios medicos. — Uma Filha de Maria pede a todas as Filhas de Maria do Brazil fazerem uma communhão pedindo a N. Senhora e a Santa Igenes a tranquilidade espirital d'uma familia e a conversão d'uma pessoa.

**SANTOS** — Carminha Novaes agradece por intermedio do Coração de Maria a Deus uma importante graça que obteve da serva de Deus Gemma Galgani e manda 5\$000 para uma missa.

**CAJURU' DE ITAUNA** — Maria da C. Mello G. envia 1\$000 para velas agradecendo uma graça alcançada do Coração de Maria.

**LARANJAL** — D. Maria Luisa Amaral agradece ao Coração de Maria um favor e manda celebrar uma missa pelas almas.

**PRADOS** — Uma devota obteve uma particular graça com a novena das «tres Ave Marias» e penhorada vem agradecer por meio d'«Ave Maria.»

**OLIVEIRA** — D. Maria Rita Wernech em agradecimento por diversos favores ja recebidos e outros que espera receber manda 15\$000 para 5 cinco missas consoante a diversas intenções. — D. Anna Emilia do A. Wernech agradece a saude de sua mãe e manda 3\$ para uma missa e 1\$000 para a publicação. — O Illmo. Sr. José Vieira da Silva por favores recebidos manda 5\$000 para dizer uma missa no altar do Immaculado Coração de Maria.

**RIO CLARO** — D. Maria Arnaldo agradece o bom exito de sua filha e manda 5\$000 para uma missa.

**FLORIANOPOLIS** — D. Etelvina M. de Alencar cumprindo promessa e agradecendo favores do I. C. de Maria, manda 2\$000.

**RIO NEGRO** — Soffrendo horriveis dôres hepaticas e sem esperanza de remedio invoquei o glorioso São Geraldo e senti-me perfeitamente bem. Maria Amelia Jovina.

**SÃO CAETANO DE XOPOTO' (Minas)** — O Illmo. Sr. José Teixeira de C. Junior manda 1\$000 por uma graça obtida do S.S. Coração de Maria.

**SÃO PAULO DE MURIAHE'** — Assignou a «Ave Maria» em agradecimento á Nossa Senhora por favores obtidos o Illmo. Snr. Henrique Silva.

**PELOTAS** — D. Olga Ribeiro Martins agradece ao I. C. de Maria uma importantissima graça e entrega 5\$000 para ser rezada uma missa no altar do Coração de Maria em acção de graças. — D. Conceição Bandeira de Tala agradece ao I. C. de Maria uma graça obtida e entrega 5\$000 para ser dita uma missa no altar do C. de Maria. — D. Firmina de Azevedo agradece penhorada uma graça particular e entrega 3\$000 para o Coração de Maria. — D. Leopoldina Martins da Cunha Costa remette 10\$000 para o Santuario do Coração de Maria em cumprimento duma promessa. —

D. Panchita Simões Lopes em agradecimento por varios favores recebidos do I. Coração de Maria entrega 5\$000 para uma missa e 2\$000 para velas. — D. Antonieta Pinto de Braga em agradecimento duma graça particular entrega 5\$000 ppra velas do altar do Coração de Maria. — D. Anna Pinto Kaubet agradece ao I. C. de Maria varias graças obtidas e entrega 5\$000 para velas do altar do Coração de Maria. — D. Matilde Medeiros Gomes em agradecimento duma graça alcançada toma uma assignatura da «Ave Maria.» — D. Maria Barcellos da Rocha envia para o Santuario do Meyer 10\$000. — D. Marina Magalhães agradecendo a Nossa Senhora a graça do completo restabelecimento duma enfermidade, vem publicar na «Ave Maria.» e toma uma assignatura esperando alcançar outras graças que muito precisa.

CAPÃO DE LEÃO — D. Ophelia B. Aquino cumprindo a promessa que fez, remette 5\$000 para reformar sua assignatura da «Ave Maria.» e 3\$000 para ser rezada uma missa em louvor do Coração de Maria por favores recebidos. — D. Carlota Furri Bertoi envia 5\$ para a renovação de sua assignatura por muitos favores recebidos; 3\$000 para uma missa ao Coração de Maria por ter seu filho sarado de uma terrivel enfermidade e 3\$000 para outra missa pelas almas dos seus paes, primos e mais parentes fallecidos.

PORTO ALEGRE — D. Alice R. Pujol pede o obsequio de ser publicada na «Ave Maria» uma graça alcançada n'um momento de aflicção, renova a assignatura em acção de graças. — D. Maria das Dôres Costa toma uma assignatura em agradecimento do favor recebido dos Sdos. Corações na pessoa de seu esposo Saturnino, que desesperado de todo humano auxilio, pediu e sarou de gravissima enfermidade. — D. Julia Flores: Agradece ao C. de Maria e ao V. A. Claret a felicidade no dar a luz e a saude de seu filhinho. — D. Cecilia Keark renova sua assignatura e da mais 5\$000, sendo 3\$000 para missa e 2\$000 para velas ao C. de Jesus, tudo de promessa. — D. Alice Bayler agradece a saude e felicidade de ter muito trabalho de costura.

S. LEOPOLDO (R. G. do Sul) — Alfredo Gruber toma a assignatura pela felicidade do arranjo de emprego que tanto precisava, por graça especial de N. Senhora.



## Verdadeiramente: "Selecta."

Hymno de Triumpho? Clamor de victoria? Não. Nada disso. O que do coração nos irrompe festivo é antes um cantico de graças a Deus, uma explosão de jubilo irreprimivel, ao poder proclamar bem alto quão realmente grande é a misericordia divina: podemos contar, com segurança, nos arraiaes da Boa Imprensa, com um novo companheiro valoroso, companheiro d'armas que ao prelio em que pelejamos vae trazer novo e fulgurante brilho: *Selecta*, a elegante revista carioca, fina obra d'arte, publicada especialmente para as senhoras brasileiras, de 23 de fevereiro em diante editar-se-á clara, definida e positivamente como revista franca e abertamente catholica! Agora, sim: verdadeiramente *Selecta*, tendo, como segura garantia de sua ortodoxia a assistencia de Jonathas Serrano, o admiravel poeta e escriptor catholico que todos prezamos e admiramos, *Selecta* deve ser, vae ser, hade ser com jubilo e proveito recebida em todos os lares brasileiros.

Propaguemol-a. Assignem-se todos os chefes de familia: terão nella a obra d'arte e a obra de fé; nossas familias podel-a-ão, devel-a-ão proteger, animar, espalhar: a moral catholica presidirá á confecção de todas as suas paginas, que assim purificadas, conservando no entanto sua antiga feição preocupadamente elegante e artistica, tornase-ão melhores, cada vez melhores e mais lindas, obra literaria artistica da verdadeira arte, a arte que se respeita e, longe de chafurdar no lôdo do vil prosaismo abjecto, ascende ás sublimidades excelsas do ideal nas azas da inspiração christan.

Glorias sejam cantadas a Deus e graças infinitas lhe sejam rendidas. Cumpre-nos a todos nós, agora, um dever de honra: apoiemos *Selecta*, assignemol-a, façamol-a assignar e espalhar por nossos amigos, pelo Brasil inteiro. *Selecta*, catholica, é a revista elegante que deve d'oravante ser acolhida de braços abertos e coração festivo em todos os lares christãos!

JULIO TAPAJÓS

## PONTE NOVA (Minas)

Realisou-se no dia 20 de Janeiro ultimo, a importante festa de S. Sebastião, padroeiro desta freguesia.

Precederam a esta festa, as solemnes novenas, durante as quaes o illustrado e piedoso vigario José Maria Parreira Lara explicou as vantagens das indulgencias concedidas pela Santa Egreja que, qual carinhosa mãe, emprega todos os meios de gozarmos da vida eterna.

A's 7 horas da manhã, houve a primeira missa, celebrada pelo Revmo. Sr. Padre Candido Lizardo de Souza, que distribuiu grande numero de communhões.

A's 10 1/2, houve a missa cantada pelo Revmo. Vigario Parreira Lara, acolytado pelos Revms. Srs. Padre Candido Lizardo e Padre Felix, salesiano, que, ao Evangelho, pronunciou um bellissimo sermão.

A's 5 1/2 da tarde, sahio a procissão, com as imagens de S. Sebastião, Coração de Jesus, N. S. da Conceição e S. Vicente de Paulo, porque sendo o festeiro, Coronel João Cupertino, exforçado propagandista dessa sociedade, fez questão que a imagem de S. Vicente sahisse na procissão, carregada pelos confrades, como effectivamente aconteceu. A procissão, devido á chuva, não percorreo todas as ruas. Ao entrar, depois de executado um importante solo, pela orchestra "Cecilianiana", produziu uma importante conferencia religiosa, o notavel orador sacro, Revmo. Padre Candido Lizardo de Souza, discorrendo sobre a importancia da Religião Catholica, serviços que ella, com a sua pura doutrina, vem prestando em todos os ramos dos conhecimentos humanos, produzindo sempre luminares, cujos nomes foram citados, que o catholicismo soffre opposição, em consequencia da completa ignorancia de seus verdadeiros principios, emanados da humildade, e baseados na incontestavel verdade. Por essa razão os modernos intellectuaes, imbuidos de falsos principios scientificos e fortificados por descommedido orgulho, acham o catholicismo inimigo da sciencia e, por tanto, não se adaptando aos falsos principios de que são pregadores e propagandistas querendo, por esse meio, reformar a soeciedade. Mostro com argumentos historicos e scientificos a sem razão de taes reformadores inteiramente vazios dos verdadeiros principios. Mostrou a verdade de nossa doutrina e o desprendimento por ella produzido, entre aquelles que, estudando-a verdadeiramente, pondo de parte o orgulho, base dos principios contrarios ao catholicismo, que se funda na humildade, citou, entre outros, S. Sebastião, joven de incomparavel belleza, gosando da illimitada confiança de um dos princlpaes imperadores do mundo, a ponto de, com reparos de outros mais velhos, occupar o posto de capitão e official da casa militar desse imperador que, sem piedade, perseguia o catholicismo, que não podia de modo alguma apoiar os seus desmandos, ficou, por isso, exaltadissimo, e não quiz dar credito, quando soube que Sebastião praticava o catholicismo. Indagou, e empregou todos os meios para que o seu logar-tenente, deixasse dessa doutrina. Porem, Sebastião, impavido, convencido da verdade e do erro em que se achavã o imperador, a tudo regeitou e desprezou, para continuar a praticar o catholicismo, o que resultou o martyrio o mais deshumano, elle a tudo resistio até morrer firme em sua fé, sendo, por isso, coroado por Deus, no Céu, entre os santos martyres de são dontrina.

Na eloquente peroração, concitou a todos principalmente aos jovens, como os nossos futuros dirigentes, a imitarem o sublime exemplo de S. Sebastião. Depois do *Te-Deum* e benção, foi eucerrada a importante festa, sempre abrilhantada pela harmoniosa banda "Cecilianiana". Foi nomeado festeiro para o futuro anno de 1917, o Sr. José Carlos de Souza Climaco.



## CRONICA SEMANAL

Vamos condensar, quanto possível, a vida politica nesta semana.

Começemos por S. Paulo.

O thema das entrevistas pedidas pelos jornalistas aos nossos politicos continua a ser ainda a scisão aberta no Partido Republicano Paulista por occasião da escolha dos candidatos á presidencia e vice-presidencia do Estado.

Ainda não faz muitos dias, um dos diarios da Capital Federal, o "Imparcial", achou opportuno ouvir o Dr. Eloy Chaves sobre este assumpto, e este illustre homem publico foi de uma felicidade extraordinaria na sua entrevista, na qual fazendo o historico do Partido, fez constar que a Dissidencia conservou-se sempre dentro do Partido Republicano Paulista como um blóco indissolúvel, forte, energico, solidario, e mesmo quando, no fim do governo do Dr. Jorge Tibiriçá, deu-se o congraçamento, as linhas de separação não se apagaram; e agora surgiram de novo essas mesmas linhas divisorias com motivo da designação do Dr. Altino Arantes como candidato á Presidencia do Estado, e que por mais forte que seja a opposição fará um bom governo, honesto e bem orientado.

E pelo Rio, que passa? Dizem que o presidente do Estado do Rio, Dr. Nilo Peçanha, que, no entender do ser. Mario de Paula seu adversario politico, é o homem do momento, acha-se em desacordo com o Dr. Wenceslau Braz respeito da senatoria fluminense. Este manifestou ao illustre occupante do Ingá o seu desejo de levar ao Senado o Dr. Oliveira Botelho, mas o presidente fluminense externou o seu desprazer e a resistencia que esta disposto a oppor a essa candidatura. Não que o Dr. Nilo faça questão deste ou daquelle candidato, sinão que não quer ver o Dr. Oliveira Botelho representante no Senado de seu Estado: parece, porem, que quem, nos centros directores politicos, reúne maiores probabilidades da victoria, é o nome do ex-presidente. O Dr. Nilo, porém, *sabe querer*, e já começou por não marcar data para ileição.

E por hoje Nicephoro nada mais vos queria contar de politica, não deixará porem, de contar-vos duas surpresas grandes que teve e que não hesita em appellidar de

### PEDIDOS ABSÚRDOS

Dizem por ahi que, faz um tempo, os deputados catharinenses, com as suas amiudadas e methodicas visitas, não deixam um momento de socego ao Sr. presidente da Republica; dir-se-hia que o Dr. Wenceslau não tem outra cousa a fazer mais do que ouvir os representantes de Sta. Ca-

tharina. E é de notar que estes Srs. nunca se apresentam junctos, e por esta causa, o presidente nunca fica tendo uma impressão de conjunto da bancada catharinense; mas o que, sim, tem o Dr. Wenceslau como dizia o *Correio da manhã* é tragedia grega no Sr. Lebon Regis, barbado, assustado, desconfiado e feio; opera buffa no Sr. Henrique Valga, loquaz, unctoso, avelludado; drama sentimental no Sr. Eugenio Müller, teso, empinado, magro e mudo; comedia franceza no Sr. Bayma escanhoado e espertinho.

Ora isso não podia continuar sempre assim, e em consequencia resolveram abrir uma excepção em sua conducta e apresentar-se em peso toda a bancada ao presidente a fim de formular um pedido; e depois recommençar a sua peregrinação isolada de outr'ora. E sabeis qual era o pedido da bancada catharinense? Pois nada menos que o Sr. Wenceslau Braz permitta o amamento da força policial de Sta. Catharina na zona contestada, que esta provisoriamente entregue á guarda da força federal: e temam e insistem em que S. Excia. auctorize ao bravo coronel, presidente do Estado para mandar ao Contestado poficia estadual armada. Que acham deste pedido? Francamente não acertamos a ver como os representantes catharinenses formularam esse pedido *absurdo*. Pois não esta-se fazendo o policiamento nesse zona, objecto de litigio, pelas forças federaes, em virtude duma combinação arbitrada pelo Sr. Lauro Müller como representante de Sta. Catharina e do Dr. Afonso Camargo como representante do Parana, a fim de conservar o *statu quo*? Ou entãc querem que á final se de o annuciado encontro das duas policias estaduaes, que essa medida visava impedir? Não foi ja bastante o sangue que tingio de rubro os nossos campos, que querem que ainda vá a perder-se inutilmente a vida dos nossos moços? Será que a Patria não precisa de seus filhos? Será que são poucas as mães, esposas, irmãs que choram desoladas a morte de seus filhos, esposos, irmãos e demais seres queridos? Sabiamos que o amor patrio, o bairrismo leva-nos ás vezes a praticarmos verdadeiras loucuras, nunca, porém, julgamos que chegasse a tanto.

E menos ainda nos explicamos o appello que alguns brasileiros, que actualmente residem em Pariz, fizeram aos Srs. Ruy Barbosa e Antonio Azaredo a fim de que intervinham juncto ao nosso governo a fim de o decidirem a declarar-se pelo bloqueio decretado pelos alliados. Eis como a este respeito se exprimia o *Imparcial*:

"Não desconhecem os signatarios do appello a verdadeira significação do bloqueio imposto aos neutros pelo imperialismo britanico, nem, tão pouco, os motivos que o determinam e as consequencias que elle acarreta, especialmente para o Brasil.

Sómente os ingenuos e ignorantes podem não enxergar o objectivo economico visado pela Inglaterra, sob a apparencia de uma medida de fins exclusivamente militares e nenhum brasileiro medianamente culto pode ter illusões a respeito dos graves prejuizos que essa medida causará aos interesses vitaes de nosso paiz, pela perturbação do commercio do seu primeiro producto de exportação.

O mais extremado ardor pela causa das potencia alliadas nunca justificaria o esquecimento

dessa circumstancia, por parte de um brasileiro verdadeiramente patriota.

Para bem julgarmos os nossos patricios, signatarios do appello em favor do bloqueio inglez, somos, pois, forçados a admittir o dilemma que já formulámos, Infelizmente, porém, mesmo acceitando a melhor hypothese, a de que os nossos compatriotas, obedecendo unicamente a um impulso de patriotismo, se houvessem decidido a nos enviar uma salutar advertencia, sua conducta não pode passar sem um serio r paro, relativo ao meio de que lançaram mão, pois seria desejavel que o conselho fosse dado por outra fórmula, não se podendo considerar muito conveniente aos nossos brios a estrepitosa divulgação das circumstancia que, porventura, nos impuzessem a resignada acceitação do sacrificio de nossos interesses e da situação juridica a que temos direito, como potencia neutra e soberana.

Quando se acham em jogo altos interesses da patria, compromettendo até a sua soberania, os patriotas de bom senso não costumam transmittir seus conselhos e advertencias aos dirigentes de seu paiz, em telegrammas apparatusos, fornecidos, em resumo ou por extenso, á imprensa local e aos correspondentes telegraphicos.

Nesses casos, qualquer individuo de mediano criterio limitar-se-ia a um aviso confidencial, feito a quem de direito, e contendo todas as informações que pudessem ser uteis ao perfeito esclarecimento dos responsaveis pela direcção da politica exterior do paiz.

Resta, portanto, em qualquer caso, um traço de extraordinaria leviandade na conducta de nossos patricios, que se decidiram a propor, em documento publico, pouco menos que uma formal quebra de neutralidade por parte do Brasil, assim como quem transmitta um innocente voto de solidariedade, resolve em um enthusiasmo de sobre-mesa."



## D. Antonio Viçoso

O Exmo. Sr. Arcebispo de Mariana acaba de dar os primeiros passos para tratar do processo de beatificação e canonisação de D. Antonio Ferreira Viçoso, bispo que foi daquela cidade, ordenando aos parochos do arcebispo, por intermedio da Curia Archiepiscopal, que reunam todos os documentos, factos e observações sobre a vida do santo bispo de soudosa e querida memoria.

— A segunda Exposição Nacional de milho, a realizar-se no Estado de Minas, será effectuada em Bello Horizonte e não em Lavras, segundo as ultimas deliberações.

Esta exposição, como a primeira, será organizada pela direcção da «Chacaras e Quintaes» e a iniciativa é devida á competencia do sr. dr. Benjamin H. Hunnicutt, director da Escola Agricola de Lavras.

A exposição durará tres dias: 19, 20 e 21 de julho do corrente anno.

A julgar pela propaganda, applausos que tem tido a idéa e offerta de grande numero de premios, a segunda exposição terá os beneficos

resultados da primeira, effectuada nesta capital, em julho do anno proximo passado.

— O governo de S. Paulo, empenhado em contribuir, por todós os modos, para a diminuição do custo da producção e para que os productores, em geral, encontrem razoavel remuneração para o seu trabalho, por intermedio do sr. dr. Cardoso de Almeida, secretário da Fazenda, telegraphou ao sr. dr. Pandiá Calogeras, ministro da Fazenda, reiterando o pedido de providencias, a fim de que a Companhia Docas de Santos seja compellida a cumprir a lei que reduziu de 300 réis para 90 réis a taxa de capatazias para cada sacca de café e outros productos agricolas, assim como para os productos industriaes.

— Vai ser creada uma escola pratica de radio-telegraphia, para apprendizagem do pessoal das companhias de telegraphistas, no quartel do 1.º batalhão de engenharia, Villa Militar, no Rio, sob a direcção da 3.ª Divisão da Directoria de Engenharia, da qual é chefe o tenente-coronel dr. Felix Fleury de Souza Amorim.

— Nos Estados Unidos estão actualmente sendo estudados os planos dum novo typo de cruzador de batalha. O novo cruzador terá 35 nós, isto é 64 kilometros, de velocidade á hora, oito helices e um comprimento de 270 metros.

No Estado de Idáho (Estados Unidos) foi construido um açude que em seu genero é o maior do mundo. D'oravante pelas obras de irrigação, embora durante muito tempo não cahisse chuva, a agricultura não somente não soffrera por falta do precioso liquido, sinão que ainda o terá em abundancia.

O Arronrok-dique tem 351 pés de altura e mede 247 pés de largura. A obra custou 36.250 contos.

— O presidente do ministerio hespanhal Conde de Romanones, em conferencia com o rei Afonso XIII declarou que o estabelecimento do porto franco em Barcelona servia como um meio eficaz para favorecer a exportação de productos hespanhóes de que ha superabundancia.

Declarou ainda o sr. Romanones ue o pensamento do governo é fazer egual concessão a Valencia e outros portos nacionaes onde se reconheça a necessidade.

Esta declaração de governo causou geral satisfação, sendo francamente applaudida pela maioria da imprensa.

— O nosso presado collega «Diario Español» desta capital, num de seus ultimos numeros traz uma preciosa noticia que muito convem levar ao conhecimento de todos, especialmente dos commerciantes e exportadores brasileiros. Trata-se dos depositos francos estabelecidos pelo governo recentemente no porto de Cadiz, o grande emporio commercial da Hespanha.

Dentro da zona e armazens habilitados para depositos francos serão permittidas as seguintes operações: troca de vasilhames; classificação, divisão e mistura de mercadorias; descasque, torração e preparação do café e cacau, preparação e curtimento de pelles; trituração da madeira; lavagem de laus; extracção do oleo de copal e outras sementes oleaginosas, emfim, toda a classe de transformações pelas quaes se possa augmentar

o valor das mercadorias, sem alterar a sua natureza.

Nos mesmos depositos poderá armazenar-se toda a casta de mercadorias, nacionaes ou estrangeiras, incluindo o tabaco em folha e elaborado, sem pagar contribuições, arbitragens, direitos de alfandega, nem impostos nacionaes ou locaes de qualquer especie.

E' de esperar que esta notavel iniciativa do governo da illustre nação amiga venha contribuir para o desenvolvimento do intercambio entre os dois paizes, com grandes vantagens para o commercio exportador brasileiro.



*Curiosa apreciação.* — Na bibliotheca de Evo-ra ha um manuscrito do seculo XVII, em que se aprecia a politica dos Estados da Europa por esta forma original :

Hespanha está por tudo. Portugal teme tudo. França zomba de tudo. Hollanda paga tudo. Inglaterra embrulha tudo. Dinamarca observa tudo. Allemanha quer tudo. Prussia topa a tudo. Suissa aproveita tudo. Polonia lava tudo. Russia logra tudo. Sardenha geme tudo. Italia benze tudo. Se Deus não remedeia tudo, o diabo e a sogra levam tudo.



**NOSSOS DEFUNCTOS**



- Falleceu em Curytiba o sr. João Sant'Anna.
- Em Bahependy, nosso distincto amigo e asslgnante perpetuo Monsenhor Marcos Pereira Gomes Nogueira.
- Em Queluz, o sr. Manoel Carlos Oliveira.
- Em Barra Mansa o sr Manoel Joaquim Villela Bastos.
- Em Pelotas d. Maria Luiza da Rocha Gecchn, d. Vicencia Lyra Quadrado, d. Maria Antonia Nunes Vieira, d. Deolinda Ramalho, d. Genoveva Nimpha de Miranda, sr. João Moreira Fabião, d. Clotilde Etchalus, d. Eliza de Jesus.
- Em Porto Alegre, d. Dina Malheiro, sr. Luiz Phelippetto, d. Anna Gertrudes de Azambuja, d. Olympia Brochado Pimenta, sr. Theophilo Müller, d. Manoela de Azambuja, d. Maria Luiza Lobo Teixeira Gonçalves.
- O sr. José Firmino Pires.

Esta administração mandou celebrar os suffragios a que tinham direito.

Nossos pesames ás exmas. familias enlutadas.

R. I. P.

**GRANDEZAS...**

UMA PENNA PRESUMIDA,  
D'ESCREVER GRANDES SENTENÇAS,  
FALAVA DAS SUAS OBRAS  
TÃO SUBLIMES COMO EXTENSAS.

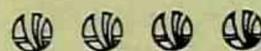
« SEM MIM, — DISSE ELLA AO TINTEIRO, —  
« POUCA FIGURA FARIAS !  
« CHEIO D'UM LICOR IMMUNDO,  
« SEM MIM, TRISTE, QUE SERIAS » !

O TINTEIRO INJURIADO,  
VAZOU LOGO A TINTA FÓRA,  
E VOLTOU-SE PARA A PENNA,  
DIZENDO-LHE : — « ESCREVE AGORA ! »

ASSIM RESPONDE AOS INGRATOS,  
MUITAS VEZES A RAZÃO : —  
MUITA GENTE HA COMO A PENNA  
COMO O TINTEIRO OUTROS SÃO !

S. Paulo 23 de Fevereiro de 1916

G. C.



**Dinheiro de S. Pedro**

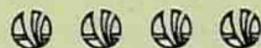
Somma anterior 752\$900

**Donativos semanaes**

Caixa da Egreja	2\$400
Administração da «Ave Maria»	\$500
Missionarios do Coração de Maria, S. Paulo de Coritiba	\$500
	1\$000
Cathecismo de Meyer	1\$000
Santuário de Meyer — Rio	1\$000
Conferencia S. Vicente de Paulo — Egreja das Dores — Porto Alegre	1\$000

**Donativos extraordinarios**

D. Etelvina Prates Vargas (Livramento)	2\$000
Conferencia de S. Vicente de Paulo (Curytiba)	1\$000
<b>Total</b>	<b>764\$500</b>



*Modo original de contar.* — Eis o seguido pelos indigenas da Nova Guiné. Os numeros 1 a 4 são representados por dedos : um dedo, dois dedos, etc. O numero 5 é uma mão ; 10, duas mãos, 20, um homem. Assim o numero 48, por exemplo, é designado pela forma seguinte : dois homeus uma mão e tres dedos.

Não será muito pratico, mas não deixa de ser engenhoso.

# A LEI DE DEUS

PRIMEIRO MANDAMENTO

**Amarás a Deus sobre todas as cousas**

LENDA PRIMEIRA

**HEITOR E JOSÉ'**

I

**A**NNOS ha na provincia de Saragoça vivia uma honesta familia, cujo chefe, por nome Pedro, era um homem de bem. Compunha o resto da familia a esposa de Pedro, e um menino de doze annos, o qual pela sua galhardia era o encanto dos paes,

Genoveva, que assim se chamava a mulher de Pedro, era boa mãe, e optima dona de casa; casára com Pedro, que era filho de um lavrador remediado, quando contava apenas vinte a nos. Os noivos quizeram levar para a sua companhia o pai de Genoveva, indo viver em uma fazenda, a qual, juntamente com cincoenta duros, fôra o dote, que a condessa de Torreverde dera á noiva. A fazenda, e mais terras que Pedro cultivava, que todas eram do conde de Torreverde, permitiam que passassem com certa abastança.

Porém o ancião aferrado a seus habitos e á terra em que nascera, não os quiz deixar, apesar dos rogos de sua filha, e dos do esposo della.

Dentro em pouco a felicidade visitou a nova familia; Genoveva levantava-se ao nascer do sol, para arranjar o almoço do marido; ao meio dia levava-lhe o jantar ao campo, comiam juntos; depois voltava a casa, onde aproveitava o tempo fiando, cosendo e lavando.

Brevemente os trabalhos domesticos não satisfizeram a actividade de Genoveva; e como sabia, que Deus pune a ociosidade, pediu trabalho ás senhoras ricas da aldêa, e pouco tardou antes que as suas lindas e morenas mãos arranjassem os calções, e vestidos, em que primavam os moços mais ricos do lugar.

Quando veio ao mundo José, primeiro filho da rendeira, achou preparado pelas mãos de sua mãe um singelo, mas bonito berço, no qual havia uma macia e nivea pelle de carneiro, e duas almofadas com primorosos bordados.

José cresceu bonito, e robusto; era um rapazinho de tez trigueira, e olhos assombreados por compridas pestanas, que davam á sua maneira de olhar inexplicavel doçura: era por natureza meigo, e docil a tal ponto, que ganhou a affeição do cura da aldêa, o qual se encarregou de o ensinar a lêr e escrever.

José era tão extremoso por seu pai que, tendo apenas seis annos, pediu-lhe que o levasse consigo para o campo, d'onde voltava com sua mãe ao meio dia para receber as lições de D. Lourenço, o virtuoso cura.

Pedro, quando o filho lhe exprimiu o que desejava, respondeu-lhe:

—Ainda es muito pequeno, José: em que te has-de entreter no campo?

—Pai, respondeu elle, servir-lhe-hei de companhia, e lhe contarei, em quanto trabalha, a *oração do menino perdido*.

Pedro annuiu aos rogos do filho, e na manhã seguinte, ainda o sol não era nado, e já o rapazinho estava a acordar o pai.

Genoveva veste-o, e Pedro montando-o na velha burra, chamada *Fortuna*, que levava a ferramenta da lavoura, pai e filho se dirigiram para o campo, conversando como dous amigos velhos.

Ao meio dia Pedro tornou a montar o filho na burra, e acompanhado por sua mãe, voltou á aldêa. Genoveva algumas vezes dizia ao marido:

—Meu amigo, depois de um dia de trabalho-anida tens de andar legua e meia.

—O que se lhe ha-de fazer, mulher?

—Não tragas José, e assim fazes o caminho na burra.

—Isso não, replicava Pedro; já que Deus deu ao nosso filho gosto pelo trabalho. não serei eu que lh'o faça perder; largarei o trabalho meia hora mais cedo, e a pé irei para casa.

II

Até os sete annos José não fez no campo mais do que cantar, correr atraz de alguma borboleta ou adormecer com a cabeça apoiada no hombro de *Piston*, cão de raça indefinivel, mas que guardava e defendia corajosamente tudo o que pertencia a seus donos: amava tanto a criança, que quando ella estava deitada sobre elle quasi não respirava com receio de a acordar

José aproveitou maravilhosamente as lições do cura; apenas tinha seis annos, e já lia correntemente um *Exercício quotidiano*. Aos oito annos sabia escrever, e ja ajudava o pai em alguns trabalhos do campo. Aos doze annos era quasi um homem; tinha uma alma piedosa, e sensivel coração; trabalhava quasi tanto como seu pai: acarretava agua da fonte, e lenha do matto.

Quando era dia de lavagem, José levava a roupa para o rio, e depois de enxuta para casa: tinha a seu cargo os animaes, e para entreter sua mãe, formára um jardimzinho, que cultivava com todo o esmero. N'este tempo já a velha *Fortuna* folgava, pois José regressa do campo a pé, e sempre cantando. Antes de entrar em casa, depois de beijar sua mãe, que o esperava á porta, ia á de D. Lourenço levar fruta e flôres. O ancião estendia a mão para elle beijal-a, conversava um pouco, e sempre lhe dava alguma saudavel lição de moral evangelica.

Logo que era noite, José voltava para casa, sentava-se á mesa, e comia com o melhor appetite.

Pedro contemplava-o com ternura; e depois de despejar o seu copo de vinho, liquido que José nunca provava, Genoveva levantava a mesa, pegava na roca, e sentava-se ao pé do marido, e José abrindo a Biblia, em voz dôce, e pausada, lia alguma das suas bellas paginas.

(Continúa)